

DÂNDI E FLÂNEUR: MODOS DE SUBJETIVAÇÃO DA MODERNIDADE E OS MODS INGLESES

Mateus Pranzetti Paul Gruda¹

Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP), Assis-SP, Brasil.

RESUMO. A organização social em torno das grandes cidades é apontada como causadora principal da criação do sujeito da modernidade, o qual é, sobretudo, individualista e privatizado. A vida em meio ao nascente caos urbano e de aglomeração das multidões de pessoas possibilita delinear alguns modos de subjetivação consequentes e que emergem em tal configuração e contexto sócio-histórico e cultural. O poeta Charles Baudelaire é tido como personagem importante para a compreensão da modernidade, visto que traduziu a sensação do habitante citadino e assumiu papéis distintos frente a essa vida urbana. A partir de considerações breves sobre a cidade moderna, buscamos elencar modos de subjetivação da modernidade (materializados e expressos, sobretudo, nas figuras do dândi e do flâneur), apresentando algumas das características principais, para em sequência relacionar as formas de atualização, assunção e distorção destes pelos integrantes de uma popular subcultura juvenil inglesa surgida na segunda metade do século XX: os mods.

Palavras-chave: Modernidade; cidade; modos de subjetivação; subculturas juvenis.

DANDY AND FLÂNEUR: MODES OF SUBJECTIVATION FROM MODERNITY AND THE ENGLISH MODS

ABSTRACT. The social organisation within large cities is pointed out as the principal cause of the creation of the Modernity subject, who is mainly individualistic and privatised. Life amid the rising urban chaos and the crowds gathered made possible to assert about some consequent modes of subjectivation that emerged in those configurations and social-historical and cultural contexts. The poet Charles Baudelaire is named as an important character for understanding the Modernity, since he translated the sensations of city dweller and assumed different roles to face this urban life. From some considerations related to Modern city, I seek to enlist modes of subjectivation of Modernity (materialised and expressed within the dandy and the flâneur figures), firstly presenting some main features of them to afterwards relate those subjectivation modes with the update, assumption and distortion forms proceed by the members of a British popular youth subculture originated around the second part of 20th century: the Mods.

Keywords: Modernity; city; modes of subjectivation; juvenile subcultures.

DANDI Y FLÂNEUR: MODOS DE SUBJETIVACIÓN DE LA MODERNIDAD E LOS MODS INGLESES

RESUMEN. La organización social en las ciudades es puntuada como la principal causa de la creación de lo sujeto de la Modernidad, lo cual es, mayormente, individualista e privatizado. La vida en medio del caos urbano y aglomeración de las multitudes nos posibilita pensar en algunos modos de subjetivación consequentes y que emergen en tal configuración y contexto histórico-social y cultural. El poeta Charles Baudelaire es visto como personaje importante para la comprensión de la Modernidad, una vez que he traducido las sensaciones del habitante citadino y asumí distintos papeles frente a esa vida urbana. Después de hacer breves consideraciones acerca de la ciudad moderna, procuraremos mencionar algunos modos de subjetivación de la Modernidad (materializados y expresos, sobretodo, en las figuras do dandis y flâneur), presentando algunas de las características principales de estos personajes, para en secuencia relacionar las formas de actualización, tomada y distorsión de estos por los integrantes de una popular subcultura juvenil inglesa aparecida en la segunda mitad de lo siglo XX: los Mods.

¹ E-mail: mateusbeatle@hotmail.com

Palabras-clave: Modernidad; ciudad; modos de subjetivación; subculturas juveniles.

Introdução

A vida na cidade tem tido impacto relevante na forma como nos constituímos e nos relacionamos com o mundo e com os outros ao longo dos tempos (Sennett, 2003). Ainda que haja particularidades a partir dos diferentes tempos históricos e contextos geográficos e sociais, uma coisa é acurada: as cidades, organizadas pelo numeroso ajuntamento de distintas pessoas em espaços determinados, produzem encontros e/ou desencontros, além de reproduzirem e impingirem formas pré-moldadas de pensar, agir e subjetivar (Benjamin, 1989; Engels, 1845/2008; Sennett, 2003; Simmel, 1902/1973). Em tempos em que a maioria da população mundial já vive em cidades (conforme dados apresentados pela ONU no relatório “World Urbanization Prospects” de 2014, aproximadamente 54% da população mundial vive em cidades, tendo como previsão de que em 2050 essa porcentagem atingirá a proporção de 66%), as contradições e os desafios envolvidos e propostos pela vida urbana se fazem mais presentes do que nunca². Entretanto, o foco desse ensaio não é radiografar e discutir tais embates, mas discorrer acerca de alguns dos modos de subjetivação que emergem no contexto do surgimento das grandes metrópoles durante a denominada modernidade para, subsequentemente, relacioná-los com os membros integrantes de uma subcultura juvenil inglesa genuinamente urbana que eclodiu, principalmente, entre as décadas de 1950 e 1960: os mods.

A forma como as grandes cidades passaram a se estruturar a partir do século XIX traduzia características fundamentais da modernidade, que, como sumariza Harvey (2014) – se fundamentando na perspectiva de Baudelaire –, dizem respeito ao aumento exponencial e desenfreado da velocidade e à sobrevalorização do fugidio, transitório e fragmentário. Dentre os exemplos urbanos mais discutidos e tratados como simbólico destas transformações modernas, temos a cidade de Paris/França, sendo o ensaio “Paris, capital do século XIX” de Walter Benjamin (1991) uma referência bastante difundida.

No citado manuscrito, Benjamin (1991) descreve o aparecimento das galerias – os “proto-shopping centers” como Montero (2008) relaciona ao pensar nos centros comerciais amplamente popularizados no final do século XX para o início do século XXI –, o surgimento do uso do ferro e ampliação do uso do vidro nas construções arquitetônicas para haver diferenciação radical com as edificações do passado; a fotografia que tem lugar de destaque na Exposição Universal de 1855 e também ampliou “a esfera mercantil, lançando no mercado uma quantidade imensa de figuras, paisagens e eventos que não eram sequer utilizáveis ou então só serviam para ilustrar uma mensagem.” (Benjamin, 1991, p. 34).

Neste cenário, surge uma contraposição interessante, pois, ao mesmo tempo em que as pessoas na multidão passam a ser obrigadas a se encontrarem pelas ruas, a figura do ser humano privado aparece. Segundo Benjamin: “o interior da residência representa o universo” (1991, p. 37), e, para além disso, o espaço privado representado pela casa passa a ter grande importância, uma vez que, “em Van de Velde [arquiteto, designer e pintor belga], a casa aparece como expressão da personalidade.” (Benjamin, 1991, p. 37). Salientando que esse encastelamento do homem privado implica em negação do espaço coletivo, público e no qual se desenrolam os embates políticos e sociais.

Além disso, era notório o aumento exponencial da velocidade na Paris do século XIX, a qual se expressava: pela interconexão entre espaços citadinos estanques via meios de transporte, como os carros, os bondes elétricos e, principalmente, por conta da rede ferroviária; a rapidez que os deslocamentos passaram a ocorrer dentro da urbe pelo surgimento daqueles (Ortiz, 2000); e pelo projeto de cidade que fora posto em prática por meio das “radicais reformas urbanas feitas durante o segundo império (1852-70) pelo prefeito Haussmann” (Bolle, 2015, não paginado). Tais características apontam para o que Harvey (2014) denominou da “compressão do espaço-tempo”, a qual, inclusive, vem se

² No “Seminário Internacional Cidades Rebeldes”, promovido pela editora Boitempo e pelo SESC-SP, que ocorreu em junho de 2015 na cidade de São Paulo, podemos notar os diversos debates e questões envolvendo a cidade (os títulos das mesas são bem ilustrativos da gama de questões relacionadas ao ambiente urbano: “O direito à cidade”; “Cidade para quem? Ganhar e perder a vida na periferia da periferia do capital”; “Megaeventos esportivos e megaprojetos em cidades à venda”; “Bem-vindo ao deserto do capital: crise hídrica, meio ambiente e capitalismo”; dentre outros). Inclusive, é possível assistir aos vídeos de todas as discussões em: (<https://www.youtube.com/playlist?list=PLHiE8QPap5vQI4-rSPUc34YXnM6oGGurh>)

radicalizando mais e mais ao ponto, conforme Hall (2015), do próprio tempo ter, de alguma maneira, matado o espaço naquilo que alguns autores convencionam de denominar por pós-modernidade.

Ainda nesta toada de ideias correlacionadas à eclosão das grandes cidades/metrópoles e como tal organização urbana impacta psicossocialmente seus habitantes e produz modos particulares de subjetivação, vale referenciar algumas das reflexões acerca disso realizadas, logo na virada dos séculos XIX para o XX, por Georg Simmel. Dentre outros aspectos, este autor afiança que: “a base psicológica do tipo metropolitano de individualidade consiste na intensificação dos estímulos nervosos, que resulta da alteração brusca e ininterrupta entre estímulos exteriores e interiores” (Simmel, 1902/1973, p. 12).

A profusão das luzes (semáforos, outdoors eletrônicos, faróis dos automóveis etc.) e de ruído (muitas vezes já assimilado e pouco percebido pelo habitante das grandes cidades, entretanto, podendo ser bastante incômodo para aquele que vive em cidades menores e viaja para passar dias nas metrópoles), para ficarmos apenas em dois tipos de estímulos externos, atesta o quanto a organização das grandes cidades superestimulam os habitantes citadinos e promovem consequências na constituição psicossocial destes. Até porque, tal intensificação não se encerra na pura e simples abundância de estímulos sensoriais, igualmente se engancha na forma de como passamos a experienciar o espaço, o tempo, a relação com os outros e até com nós mesmos, uma vez que o ritmo da vida e das coisas na cidade grande é acelerado, caótico, disforme, urgente e as relações humanas são impessoais, distantes, burocratizadas. Diferentemente, como contrapõe o próprio Simmel (1902/1973), do desenrolar e encarar a vida no meio rural, ou, desdobraríamos nós, nas cidades pequenas, afinal, nestas “o ritmo da vida e do conjunto sensorial de imagens mentais flui mais lentamente, de modo mais habitual e mais uniforme” (p. 12).

Destarte, a organização das dimensões e instâncias espaciais é bastante relevante no impacto e produção de formas como subjetivamos. E, a partir das novas relações e configurações estabelecidas na modernidade e dos comentários introdutórios que pincelamos até aqui, passemos a discutir dois modos de subjetivação que emergem e estão intimamente conectados com a experiência da vida na cidade moderna, materializados e expressados por meio das figuras do dândi e do flâneur.

Modos de subjetivação na modernidade

Ao continuarmos a tomar a Paris do século XIX como símbolo da cidade moderna, ou como afirma Harvey (2015), ecoando Walter Benjamin, “um lugar tão central para o nascimento do moderno” (p. 18), a reestruturação urbana comandada por Georges-Eugène Haussmann (1809-1891) na cidade francesa nos idos de 1853 favoreceu não apenas uma nova forma de se experienciar o espaço e o tempo (os quais foram sendo comprimidos cada vez mais), como criou novos hábitos de ocupação e usos da própria cidade. Exemplifiquemos com o advento das galerias, pois, se por um lado estes espaços de circulação pública tornavam necessário o encontro das pessoas que se deslocavam até ali para efetuar suas compras – algo inovador, posto que antes os comerciantes se encontrassem espalhados e divididos por áreas de especialidade (Benjamin, 1989) –, a segregação também se fazia presente, uma vez que tal nova prática social, “fazer compras” (Ortis, 2000), era circunscrita às classes médias abastadas.

Além disso, o próprio projeto de cidade em Paris favorecia a especulação imobiliária, o aumento dos aluguéis nas áreas centrais e a expulsão dos pobres para os recantos da urbe (Harvey, 2015) – qualquer coincidência com a atualidade não é mero acaso. Ainda que, de todos os modos, o aumento da mobilidade possibilitava o ajuntamento das multidões até mesmo em áreas consideradas nobres da cidade (Harvey, 2015). Isso, inclusive, é uma das características fundamentais da cidade moderna: a possibilidade de se desenraizar, circular, flunar pelas ruas. Embora, “o que se ganha em locomoção necessariamente não se traduz em liberdade ou emancipação. O segundo século XIX desnuda as imposições de um mundo capitalista cujos tentáculos se estendem sobre a vida cultural.” (Ortis, 2000, p. 18). Destarte, na passagem da pré-modernidade para a modernidade, até mesmo “o tempo como duração perde sua importância diante do tempo mercador, representado de modo exemplar no *slogan* ‘tempo é dinheiro’.” (D’Angelo, 2006, p. 244).

Nesta “nova ordem” impingida pela serialização e transformação de qualquer coisa em mercadoria (o que engloba até mesmo dimensões como a do tempo), o indivíduo se dissolve na massa, o que, além de gerar sentimento de impessoalidade e postura blasé (Simmel, 1902/1973) que impede as pessoas de sequer se olharem e se perceberem (Engels, 1845/2008), o faz indubitavelmente passar a integrar a multidão. Sem contar também que com a múltipla e complexa rede de registros, a qual, como no exemplo

da Paris do século XIX, numerava as casas, ao invés de identificá-las pelo nome dos que a habitavam, o que fatalmente produzia “o desaparecimento do ser humano nas massas da cidade grande.” (Benjamin, 1989, p. 44). Diante a esse cenário, Harvey (2015, p. 217) indaga: “como, então, distinguir a si mesmo no meio da inquieta multidão de consumidores que confrontava o surgimento avassalador de mercadorias nos boulevards?”, indicando que as análises de Benjamin acerca do grande interesse de Baudelaire pelas figuras do dândi e do flâneur, os quais conseguiam certo destaque em meio à multidão (de alguma forma, de fato, separados, mas inexistentes fora de tal contextualização de massa), podem ser compreendidas para além de tão somente modos de existir frente a tais condições sócio-históricas. Em outros termos, é possível entendê-los (Dândi e Flâneur) como modelos de subjetivação modernos que tergiversavam da serialização e produção em massa que eram vigentes. Iniciemos focalizando o dândi³.

Em um primeiro momento, tomaremos metonimicamente um personagem histórico para caracterizar genericamente este modo de subjetivação moderno, qual seja: George “Beau” Brummell. Nascido em Londres no ano de 1778, é considerado o primeiro dândi da história (Rodgers, 2012), embora tal denominação seja um anacronismo, uma vez que o termo sequer era amplamente utilizado na época de Brummell – as denominações comumente empregadas para os “jovens cosmopolitas, refinados e extravagantes nas vestimentas, nascidos na Inglaterra em meados de 1770” (Castro, 2010, p. 49), tal como era o caso de Beau Brummell, eram “fop”, “buck” e “macaronies” (Anderson, 2014). Ao resgatarmos a forma como Brummell viveu e ideais que cultivava, é possível desdobrar o que sinteticamente significa ser um dândi.

Reconhecido, principalmente, por seus “tranquilos e cavalheirescos hábitos e humor afiado, bem como pelo excessivo asseio com sua aparência pessoal.” (Jesse, 1844, p. 31, tradução nossa). Brummell jamais trabalhou e cultivava um sobrepreço pelo estilo e elegância das roupas que usava – valendo a ressalva que refutava roupas e acessórios em demasia, visto que seu matiz de cores das roupas era limitado (basicamente algumas cores escuras), além de não utilizar qualquer tipo de joias ou perfume (Rodgers, 2012). Conta-se que o difundido hábito do banho diário na Europa, inclusive, fora popularizado por Brummell (Anderson, 2014) e, além disso, Beau rotineiramente passava inúmeras horas para escolher a indumentária adequada, barbear-se, ajeitar precisamente os cabelos e escovar suas botas antes de se expor publicamente (Boyle, 2011), e, após sair de casa, não se olhava em qualquer espelho (Rodgers, 2012).

De maneira geral, a figura do dândi surge acompanhando o perfil inaugurado por Breau Brummell, portanto, emerge majoritariamente no meio aristocrático e se constitui no interstício entre o cuidado excessivo com a elegância das roupas utilizadas e uma forma blasé e extremamente autoconfiante de encarar e se inserir no mundo. Ademais, por conta dessa sobrevalorização do estilo das vestes, é possível especularmos ou inferirmos que, com o advento do “dandismo” houve igualmente o surgimento da *moda* tal como a conhecemos nos dias atuais. E, não obstante se tratasse inicialmente de uma forma de expressão inglesa, encontrou guarida e entusiastas (e também uma porção de críticos) do outro lado do canal da Mancha, ainda mais que, segundo Benjamin (1991), “Paris se afirma como a capital do luxo e da moda” (p. 36) durante a segunda metade do século XIX. Valendo a ressalva de que nem sempre os dândis parisienses conseguiam reproduzir o estilo londrino (Castro, 2010).

Uma das principais consequências sociais pretendidas por um dândi é contrapor-se e recusar a massificação e uniformização promovidas pelo ajuntamento das multidões a partir da estruturação da cidade grande moderna –, pois, como afiança Baudelaire (1863/2009), o dandismo “é, antes de tudo, a necessidade ardente de alcançar uma originalidade dentro dos limites exteriores da conveniência” (p. 16) –, mas, sobretudo, pela ordem burguesa. Além disso, “o dandismo faz do celibato e da ociosidade um mecanismo de resistência à moral burguesa.” (D’Angelo, 2006, p. 241) e, ao mesmo tempo, de acordo com Baudelaire (1863/2009), “o dandismo não é nem mesmo, como muitas pessoas pouco sensatas parecem acreditar, um gosto imoderado pela toailete⁴ e pela elegância material. Essas coisas não são para o perfeito dândi, senão o símbolo da superioridade aristocrática do seu espírito” (pp. 14-15).

³ Para os significados em língua portuguesa, inglesa e francesa dos termos “dândi” e “dandismo”, ver Castro (2010).

⁴ Conforme Tomaz Tadeu, tradutor do citado texto, “em francês, *toilette* refere-se também ao conjunto das peças de vestuário, adereços, enfeites, cosméticos demais artifícios utilizados no cultivo e manutenção de uma certa aparência.” (Balzac, Baudelaire & D’Aurevilly, 2009, p. 9).

Assim sendo, de fato há uma contraposição à nova ordem emergente após a Revolução Francesa (1789) e conseqüente queda do Antigo Regime, contudo sem um fervor revolucionário autêntico, uma vez que as maiores preocupações eram com a autoimagem apresentada em público e com ócio exclusivo àqueles que podiam se dar ao luxo de desfrutá-lo, até porque, “acostumado desde a juventude com as festas nos grandes salões, o dândi não possui outra profissão que não seja a da elegância, a busca pelo belo que, em Baudelaire, inevitavelmente, deságua no artificial.” (Oliveira, 2014, p. 114).

Já a figura do flâneur é, em alguns aspectos, um desdobramento do dândi, todavia com demarcadas diferenças. As principais semelhanças dizem respeito à possibilidade do flâneur poder igualmente “vagabundear” pela *polis* sem necessitar se preocupar com o exercício de alguma ocupação profissional (Benjamin, 1989; D’Angelo, 2006); e por incorporar o sentimento de sentir-se uma personalidade a ser observada em meio aos serializados integrantes da multidão (Benjamin, 1991). Entretanto, tal figura não está ligada necessariamente a aristocracia ou aos valores e ordem propagados durante o Antigo Regime, ao contrário disso, o flâneur apenas pode aparecer por conta do advento da modernidade, a qual tem a *circulação* como pilar fundamental (Harvey, 2014; Ortis, 2000), contrariamente a restrição de movimento que caracterizava as condições sócio-históricas anteriores.

A cidade moderna, que materializa tal condição de favorecimento da mobilidade – seja pelo surgimento das galerias ou da construção de calçadas largas, como no caso da Paris pós-reforma Haussmanniana (Benjamin, 1989) –, além de proporcionar a reunião de um grande número de pessoas nos mesmos espaços (sejam esses os próprios espaços públicos, sejam, até mesmo, os meios de transporte coletivos), é o hábitat perfeito para o ato de flânar. A multidão, inclusive, tem papel preponderante na forma com o que o flâneur se relaciona com o espaço urbano, pois, segundo Benjamin (1991), “na multidão, a cidade é [para o flâneur] ora paisagem, ora ninho acolhedor” (p. 39). Ou seja, a cidade é mais do que um objeto de observação atenta e constante por parte do flâneur, ela própria, como um todo, é sentida como se fosse sua morada, seu quarto, seu hábitat natural. Inclusive, em uma das descrições de Benjamin (1989,) acerca da relação do flâneur com o espaço da cidade, isto é bastante evidente, conforme o autor, para o flâneur: “letreiros esmaltados e brilhantes das firmas são um adorno de parede tão bom ou melhor que a pintura a óleo no salão do burguês; muros são a escrivania onde apóia o bloco de apontamentos; bancas de jornais são suas bibliotecas.” (p. 35).

Conseqüentemente, estar nas ruas – mais do que as ocupando, se constituindo a partir de tal experiência de “fazer botânica no asfalto” (Benjamin, 1989, p. 34) – e em movimento ininterrupto é condição vital ao flâneur. Além disso, em suas andanças sem rumo previamente estabelecido pelos bairros e lugares conhecidos, e principalmente pelos desconhecidos – afinal, ao se flânar, havia a compreensão de que até mesmo o ato aleatório de se dobrar a esquina para um lado ou para o outro já se constituía em um ato poético (Jaloux, 1936, citado por Benjamin, 1989), além da potência crescente contida em cada passo a mais que é dado (Benjamin, 1989) –, este está sempre a buscar o novo, entretanto, como Benjamin (1991) reflete:

O novo é uma qualidade que independe do valor de uso da mercadoria. É a origem da falsa aparência, que pertence de modo inalienável e intransferível às imagens geradas pelo inconsciente coletivo. É a quintessência da falsa consciência, cujo incansável agente é a moda. Essa falsa aparência de novidade se reflete, como um espelho em outro, na falsa aparência do sempre-igual, do eterno retorno do mesmo (p. 40).

Outra característica é aquela de que frente à imposição do tempo matemático e calculado da produção industrial e a difusão massiva do relógio e da pontualidade como virtudes indispensáveis – aqui é inevitável não lembrar Simmel (1902/1973) quando este afirma que “pontualidade, calculabilidade, exatidão, são introduzidas à força na vida pela complexidade e extensão da existência metropolitana” (p. 15), portanto, tal ordem de organização temporal e aspectos correlatos (por exemplo, ter de calcular corretamente o quanto demoraremos a nos deslocarmos a fim de mantermos a pontualidade, a exatidão) são conseqüentes da vida nas grandes cidades, além de respaldados no regime do Capital, se imporem sobre os habitantes citadinos ao ponto de se naturalizarem –, “a disposição permanente do flâneur de ‘matar o tempo’ representa um confronto direto com a lógica do sistema capitalista.” (D’Angelo, 2006, p. 244). Ademais, tal “ociosidade do flâneur é uma demonstração contra a divisão do trabalho.” (Benjamin, 1989, p. 199), uma vez que esta conduta de apenas vagar pelas

ruas observando a vida e a cidade se contrapunha frontalmente à lógica de que todos e todas deveriam ter suas vidas regidas pelo tempo produtivo imposto pela divisão social do trabalho, o que implica que os deslocamentos da casa para o local de trabalho (e vice-versa) têm a finalidade exclusiva de dirigir-se para a jornada laboral, ou regressar da mesma – sem sequer adentrarmos na questão do lazer/ tempo livre.

Feitas tais considerações panorâmicas acerca destes dois modelos de subjetivação característicos da modernidade e que são possibilitados pela eclosão das grandes metrópoles, passemos a comentar sobre o grupo que posteriormente relacionaremos com o que fora discutido até então.

Mods

Após o término da Segunda Guerra mundial em 1945, as configurações sociais existentes favoreceram a emergência da ideia de uma cultura da juventude, a qual era fundamentalmente urbana e, maioritariamente, se ancorava no poder e possibilidade de consumo, visto que os jovens, principalmente filhas e filhos da classe trabalhadora, não constituíam família tão cedo e, ao mesmo tempo, conseguiam certa emancipação financeira via empregos que, passado o período de intenso racionamento vivenciado durante a Grande Guerra, podiam pagar muito mais do que em outros tempos (Cohen, 2011; Hewitt, 2010). Assim, ao tomar o contexto inglês, no qual se localiza a subcultura juvenil que aqui destacaremos e analisaremos a seguir, conforme Harvey (2014) delinea:

A juventude da classe operária da Inglaterra teve dinheiro suficiente durante a expansão do pós-guerra para participar da cultura de consumo capitalista, usando ativamente a moda para construir um sentido de sua própria identidade pública, e até definindo suas próprias formas de pop arte, diante de uma indústria da moda que buscava impor o gosto através da pressão da publicidade e da mídia. A consequente democratização do gosto numa variedade de subculturas (do “macho” das cidades aos campi universitários) é interpretado como o desfecho de uma batalha vital que fortaleceu os direitos de formação da própria identidade até dos relativamente desprivilegiados, diante de um comercialismo poderosamente organizado. (p. 63)

As subculturas no cenário pós-segunda guerra mundial eram, portanto, meio de expressão e resistência juvenil aos padrões culturais mercadológicos e “adultizados”⁵ vigentes à época, fundadas essencialmente nos ideias de rebeldia e também, por vezes, de delinquência deliberada⁶. Assim, segundo Simonelli (2013, tradução nossa), “diferentes gangues de delinquentes estabeleceram culturas alternativas através da expressão dos seus gostos na moda, música, organização, definições de masculinidade e feminilidade e, especialmente, de atitudes de classe” (p. 61). Enfatizando, tal como está presente nesta última citação, que a estrutura de classes inglesa naquela época é ponto fundamental para a compreensão das subculturas ali estruturadas, uma vez que independentemente do grupo que se focalize, ainda mais naqueles surgidos entre as décadas de 1950 e 1960, é perceptível a preponderância de que os jovens integrantes eram advindos da classe média baixa e a maioria esmagadora da classe trabalhadora, o que no caso dos mods é fartamente atestado pelas diversas referências que consultamos e arrolamos (Anderson, 2014; Beesley, 2014, 2017; Hebdige, 2002; Hewitt, 2010; Laing, 1969; Perone, 2009; Simonelli, 2013; Weight, 2013).

Desdobremos um pouco mais a questão das subculturas juvenis se tratarem de modos alternativos de se encarar o que era culturalmente hegemônico. Mesmo inicialmente se afastando daquilo que era imposto pelo *mainstream*, estes estilos dos/das jovens se portarem passam rapidamente a ser englobados pelo comercialismo, bem como “o adolescente ideal era apresentado em termos de consumo” (Cohen, 2011, p. 203, tradução nossa), visto que um dos primeiros proeminentes grupos juvenis, o dos Teds (Teddy Boys e Teddy Girls) – os quais compunham seu estilo “combinando o estilo rocker estadunidense de cabelo com brilhantina com uma mimetização do estilo asseado de vestimenta Eduardiana da classe alta britânica, vestindo casacos longos com gola de veludo e calças jeans realmente apertadas e justas” (Weight, 2013, p. 27, tradução nossa). Embora Teds originais indiquem

⁵ Para algumas considerações envolvendo os conflitos geracionais, tomando por pano de fundo a subcultura Mod, ver Gruda & Gamba (2014).

⁶ Para discussões acerca do conceito de subcultura no século XXI, bem como análises sobre as possíveis subculturas atuais, ver Dhoest, Malliet, Segaert e Haers (2015).

em um documentário da BBC (2008) que esta associação com a estética do rock estadunidense e astros do cinema dos anos 1950 é errônea, uma vez que fora incorporada apenas posteriormente; além disso, também há, conforme Casburn (2004), a hipótese de que a indumentária dos Teds decorreu de um esforço dos donos de alfaiatarias de Savile Row (rua situada na região Central de Londres/Inglaterra) para que o visual dândi regressasse a fim de que isso alavancasse as vendas destes estabelecimentos –, tornou-se um estilo passível e possível de ser consumido, o que implicava em uma despotencialização da supracitada subcultura, como bem ressalta Simonelli (2013, tradução nossa): “uma vez que um adolescente poderia parecer um Teddy Boy sem realmente ser um, a essência da subcultura como uma cultura alternativa havia desaparecido” (p. 62). Inclusive, a ideia de autenticidade era e ainda é algo altamente levado em conta pelos jovens, bastando simplesmente evocar o quão é comum àqueles que são considerados como falsos seguidores de determinado grupo (seja juvenil ou não) serem identificados e denominados pejorativamente por “poser” ou “modinha”.

Após a massificação do estilo Ted e da rebeldia associada a ele, há o surgimento de grupos que, de alguma forma, são desdobramentos daquele: os Mods e os Rockers (Perone, 2009; Simonelli, 2013). A partir daqui, então, passaremos a focalizar a subcultura dos Mods, jovens filhas e filhos da classe trabalhadora que, por conta de seu estilo e gostos musicais e estéticos, despontaram entre os últimos anos da década de 1950 para os anos iniciais da década de 1960 como um grupo altamente influente na moda, costumes e música tanto da época, como ao apontarem parâmetros e modelos que foram e são seguidos posteriormente por outros grupos juvenis, e, ao mesmo tempo, foi um dos principais alvos do comercialismo – na primeira metade da década de 1960, por exemplo, explodiram na Inglaterra o número de lojas de roupas, revistas e programas de rádio e televisão direcionados exclusivamente a esse público (Beensley, 2017), o que, segundo a análise de Cohen (2011), fez os mods passarem a ser o grupo e estética dominante dentre as subculturas emergidas a partir do estabelecimento da ideia de juventude.

Inicialmente, vale delinear que a aproximação procedida entre Mods e Teds, de fato, é possível, sobretudo, pela forma em que ambos os grupos borravam as condições sociais pela preocupação no se vestir alinhado. Em outros termos, ainda que oriundos da classe trabalhadora desprovida de condições plenamente satisfatórias de vida, essas e esses jovens gastavam qualquer dinheiro que ganhassem para se vestirem do modo mais asseado, arrojado e destacado possível, ideal que pode ser sumarizado pelo dito popularizado por Pete Meaden (figura importante da cena Mod do início dos anos 1960, Meaden foi um dos primeiros empresário do conjunto The Who) de que ser um Mod é “clean living under difficult circumstances” (*viver limpo em circunstâncias difíceis*, em nossa tradução). Além disso, desta maneira, “exercendo tal domínio sobre a própria aparência, como diz Hebdige (2009), o *mod* [e o Ted como estamos aqui relacionando] consegue agenciar, inclusive, confusões com este tipo de simulacro promovido pelo uso de roupas consideradas elegantes, alinhadas e caras” (Gruda & Gamba, 2014, p. 93), isto porque, “ao menos no aspecto visual, pouco seria diferenciado daqueles que ocupam posições econômica e socialmente privilegiadas” (Gruda & Gamba, 2014, p. 93).

Entretanto, os primeiros mods ingleses de meados do fim da década de 1950, conforme os tantos depoimentos que compõem os livros de Anderson (2014) e Beensley (2014), se consideravam melhores vestidos do que os Teds, além do que majoritariamente apreciavam o jazz moderno (inclusive, é daí que advém uma das origens possíveis do termo *modernista* e, subsequentemente *mod*, que passou a ser utilizado para denominar os integrantes dessa subcultura) ao nascente rock and roll estadunidense e em termos de moda eram influenciados por um estilo mais europeu – lembrando que para o inglês é comum não incluir o país na Europa por estarem geograficamente apartados do continente –, basicamente francês e italiano, do que aquele apresentado pelos astros da música e do cinema que chegavam do outro lado do Oceano Atlântico, ainda que alguns aspectos da “Era Eduardiana” (1901-1910) igualmente influenciassem os primeiros mods, tal como ocorria massivamente com os Teds.

Além disso, o estilo mod era mais suave e arrumado, contrastando com o estereotipado estilo *hooligan*, rude e abertamente desafiador encarnado pelos Teds e posteriormente pelos Rockers (Cohen, 2011), uma vez que os mods “vestiam aparentemente ternos conservadores, em cores respeitadas; eles eram meticulosamente limpos e arrumados” (Hebdige, 2002, p. 52, tradução nossa), e, por conta dessa aparência “comum” e aparentemente de acordo com o formalismo e com as normas sociais, Laing (1969) imputava um potencial caráter subversivo aos mods, sobretudo ao analisar a relação que estabeleciam com o trabalho. Se por um lado aparentavam esteticamente estar em conformidade com a ordem imposta no ambiente laboral, por outro eram distantes e desinteressados acerca dos empregos que

ocupavam e quebravam a mítica do trabalho materializada no ideal de carreira e no viver para trabalhar (Laing, 1969). Os mods viviam pelo final de semana (Hebdige, 2002) e dele desfrutavam de forma extremamente frenética e intensa, de modo que se sujeitavam ao trabalho (muitas vezes ocupando postos precários) apenas para que pudessem ter meios de aproveitar os momentos de lazer. Complementar a isto, “os mods inventaram um estilo que os possibilitava negociar os ambientes escola, trabalho e lazer... interrompendo a sequência que leva do significante ao significado, os mods minavam o significado convencional do ‘terno-e-gravata’, levando o asseio a pontos do absurdo” (Hebdige, 2002, p. 52, tradução nossa).

Logo, os mods basicamente sobrevalorizavam completamente o estilo por meio, como conforme Hebdige (2002) era corriqueiro em diversas das subculturas, da indumentária utilizada e do tipo de música apreciada, sendo a obsessão pela imagem pública traduzida pelas roupas, calçados e cortes de cabelo, algo realmente marcante, ao ponto de Simonelli (2013, p. 63, tradução nossa) indicar que para os mods o “estilo englobava tudo: ser cool [descolado] era mais importante do que estar vivo”. E para serem *cool* e estilosos, os mods tinham como meta principal se diferenciar a todo custo da massa e dos outros mods, para tal buscavam encontrar os discos que ninguém tinha; comprar as roupas (ou, em alguns casos, fabricar as próprias para deter algo mais exclusivo ainda) e realizar combinações que não eram usadas por ninguém; inventar passos de dança originais – sendo curioso com relação a isso que, conforme aponta Laing (1969), os mods foram os primeiros a romper com a estrita necessidade de um par para que se pudesse dançar; para aqueles que detinham scooters (sobretudo das marcas Vespa e Lambretta), customizá-las a fim de que estas se diferenciasssem ao máximo das outras. Por conta disto tudo, os “Mods viviam em um mundo de movimento permanente, sempre tentando estar um passo a frente das tendências, pois um Mod, acima de tudo, queria ser alguém produtor de tendências, não um seguidor delas” (Simonelli, 2013, p. 63, tradução nossa).

Algumas semelhanças e conexões entre a subcultura mod e os modos de subjetivação da modernidade elencados já se fazem presentes na própria descrição que procedemos acerca das características prementes aos mods, porém passemos na próxima seção a explicitar os reprocessamentos de atualização, assunção e distorção de aspectos referentes aos flâneurs e dândis realizados pelos membros desta subcultura juvenil.

Modos de subjetivação da modernidade e os mods: tecendo relações

Os modos de subjetivação decorrentes e surgidos no e do contexto da cidade grande moderna, dialeticamente, se ancoram, dentre outros aspectos, na impessoalidade e na tentativa de se diferenciar em meio à multidão, e as subculturas juvenis, tal como apontaremos adiante ao focalizarmos o caso dos mods, são formas particulares de se experienciar esses tensionamentos, tendo a cidade como palco e cenário. Ainda que, nas condições histórico-sociais atuais daquilo que poderíamos denominar genericamente por contemporaneidade, em que maiormente o desenvolvimento das tecnologias comunicacionais reconfigurem as possibilidades de se estar junto, o espaço físico citadino não necessariamente é o grande protagonista como o foi outrora. De todos os modos, o sentimento blasé (Simmel, 1902/1973) frente à multidão (ou até mesmo o ato de flanar pelas ruas da cidade) segue sendo possíveis de serem vivenciados – basta observar qualquer deslocamento diário de um habitante da cidade grande (identificado como jovem ou não) absorto em seus fones de ouvido, se ausentando do contato direto com aqueles que o circundam. Além do surgimento, de tempos em tempos, de novas subculturas juvenis que se espalham e ocupam pedaços da cidade.

Como já dito, a ideia de juventude tal como conhecemos atualmente apenas pode surgir no espaço das cidades e se estruturou em termos de um emergente mercado consumidor inexistente até então (Cohen, 2011; Harvey, 2014; Hewitt, 2010). Assim, as conseqüentes e nascentes subculturas juvenis se apropriaram do espaço urbano para se formarem, se formatarem e se disseminarem, tentando ora negarem completamente os padrões culturais/comportamentais impostos pelo *mainstream*, ora servindo como novas possibilidades mercadológicas na venda e promoção comercial de estilos de vida e de subjetivar.

Os modos de subjetivação modernos encarnados naqueles que eram percebidos como dândis e flâneurs, ainda que estes não necessariamente fossem identificados a partir de um recorte etário, de alguma forma anteciparam essa cultura focalizada no indivíduo individualista habitando e se constituindo

a partir do espaço compartilhado da cidade, o que no mundo das subculturas assume uma feição extremamente contraditória, uma vez que os membros dessas cultivavam uma individualidade demarcada e, ao mesmo tempo, dissolvida na identificação grupal (Gruda & Gamba, 2014). Por essa razão, ser mod é algo intimamente relacionado em ser individual/único e, concomitantemente, pertencer e integrar esse de alguma forma seletivo grupo de pessoas que assim se identificam e incorporam aquelas características que arrolamos e são tidas como primordiais a um mod.

Os mods, como vimos, eram oriundos majoritariamente da classe trabalhadora e, conforme enfatiza Simonelli (2013), essa é aquela que, de fato, ocupa o espaço público, enquanto as classes média alta e, principalmente, rica tendem a se refugiarem nos espaços privados e/ou particulares – na atualidade temos o afiado diagnóstico de Dunker (2015) com relação a isso, realidade que o autor aponta ser regida pela denominada “lógica do condomínio”, a qual ergue muros físicos e simbólicos para proceder às separações. De modo que, o cenário da cidade é o palco em que os mods atuam, “desfilam”, encontram uns aos outros, se constituem individualmente e como grupo, enfim, podem viver como mods, até porque, como afiançamos, esses eram majoritariamente jovens filhas e filhos da classe trabalhadora e, de acordo com Cohen (2011 tradução nossa): “para um adolescente da classe trabalhadora a cidade é a única coisa que restava” (p. 207), enquanto para os jovens de outros estratos sociais havia outras possibilidades de diversão e/ou perspectivas de vida. Não é por acaso que, inclusive, diversas das letras de bandas britânicas – tais como The Jam, The Secret Affair, The Chords, Purple Hearts, Merton Parkas, dentre outras – que promoveram um *revival* da subcultura mod, entre os anos de 1978 até meados da década de 1980 (Bushell, 2012), versam exatamente sobre o estar nas ruas da cidade, o que denota como tal aspecto era nevrálgico à subcultura mod, ao ponto de ser um dos principais aspectos recuperados pelas gerações que a retomaram anos após o surgimento do movimento original – acerca deste ponto, vale comentar que até mesmo no Brasil, nos idos da década de 1980, mais especificamente na cidade de São Paulo, houve ressonância desta forma de estar no mundo (constituindo a identidade a partir de estar, se encontrar e flunar pelas ruas da cidade grande) por parte de garotos e garotas identificados com a subcultura mod (Carmona, 2017).

Deste modo, tal como para o flâneur em que as ruas e o espaço da cidade eram sua morada (Benjamin, 1989, 1991), o mesmo se passava com os mods – no filme “Quadrophenia” (1979), produzido pela banda The Who e importante referência para o *revival* da subcultura mod nos anos 1980, é possível visualizarmos o quanto estar nos espaços abertos, fora de casa, era (e é) necessário aos integrantes desta subcultura – e, ainda que espaços fechados, como os clubes noturnos, tivessem papel preponderante na rotina de um mod, o flunar pelas ruas era muito mais cultivado e importante, sobretudo pelo fato de que a maioria dos mods tinha acesso proibido a aqueles clubes, uma vez que eram realmente muito jovens (Anderson, 2014; Beensley, 2014). Além disso, o sentido de ser um mod não está completo se não houver o reconhecimento de tal condição por parte de outrem, o que apenas é possível de acontecer no encontro com as pessoas nos espaços públicos e abertos.

Outro aspecto do flâneur atualizado pelos mods é o da busca incessante pelo novo, todavia, para esses a novidade se concentrava basicamente nas roupas e calçados a serem adquiridos e, para que encontrassem as peças exatas, era necessário peregrinarem pelas lojas e alfaiates localizados, sobretudo, em áreas centrais das cidades inglesas. Segundo D’Angelo (2006, p. 42),

a versatilidade e mobilidade do *flâneur* no interior da cidade dão a ele um sentimento de poder e a ilusão de estar isento de condicionamentos históricos e sociais. Por isso, ele parte para o mercado, imaginando que é só para dar uma olhada.

Para os mods, ao contrário, quando se dirigiam até as lojas, fatalmente tencionavam comprar roupas novas a serem utilizadas no próximo evento do final de semana.

Desdobrando essa obsessão desvairada pelo estilo, é possível asseverar que esta está totalmente conectada ao modo dândi de existir, tanto que Hebdige (2002 tradução nossa), referenciando a outros autores, diz que “o mod era o ‘típico dândi-classe-baixa’ (Goldman, 1974) obcecado por pequenos detalhes do vestir (Wolfe, 1966)” (p. 52), sendo tal obsessão materializada “no ângulo do colarinho da camisa, medido tão precisamente quanto as aberturas em sua jaqueta feita sob medida; no formato dos seus sapatos feitos à mão.” (Hebdige, 2002, p. 52, tradução nossa). Como se fossem Beau Brummells, os mods atentavam para todos os detalhes da indumentária, dos cortes de cabelo e refutavam excessivos acessórios. Contudo, não havia na postura mod nenhuma crítica radial e deliberada contra

a ordem burguesa em sua totalidade, como tão pouco havia o cultivo de ideias aristocráticas de superioridade.

Em verdade, os mods reatualizavam a ideia dândi de esbanjar exclusividade e diferenciação da massa, embora e principalmente por volta dos anos de 1964 e 1965 (Weight, 2013) se constituíssem em um grupo realmente grande e massificado pelo englobamento por parte das indústrias da moda, música e entretenimento (Beensley, 2017; Hewitt, 2010). A citação feita anteriormente de que, “um Mod, acima de tudo, queria ser alguém produtor de tendências, não um seguidor delas” (Simonelli, 2013, p. 63, tradução nossa), aponta exatamente a ideia dândi sub-reptícia ao ideal mod de se diferenciar, até porque, não poderia haver nada mais ligado ao dandismo do que esse almejar, acima de tudo, ser alguém a ditar a moda, ao contrário de segui-la. Entretanto, isso não significava qualquer tendência em abandono ou negação do *background* socioeconômico que os mods detinham, ao contrário disso, a origem e os valores da classe trabalhadora seguiam sendo aspectos preponderantes na constituição destas e destes jovens (Cohen, 2011; Simonelli, 2013). Além do que, por conta de tais condições sociais, não podiam se dar ao luxo de não exercer qualquer atividade laboral, mesmo que tivessem pouca idade.

Inclusive, é na distante e recheada de desprezo relação que os mods estabeleciam com trabalho que reside talvez o único contraponto que realizavam frente à ordem burguesa. Como delinea Hebdige (2002), os mods viviam pelo final de semana, de modo que o tempo deste, entre as noitadas nos clubes ou no vagar pelas ruas da cidade, é um tempo que contraria a máxima do “tempo é dinheiro”, pois as noites de sexta, sábado e domingo (às vezes e eventualmente, em outras noites dos dias da semana) se engendram em um tempo que é ancorado na duração destas, não na lógica da mercadoria e, embora os mods estivessem completamente inseridos na imposta divisão “trabalho-lazer”, o trabalho existia, em uma perspectiva hedonista e imediatista (Hebdige, 2002), apenas pelo lazer e com a finalidade exclusiva de se ter dinheiro “para adquirir as roupas, drogas e possibilitar a intensa e agitada vida noturna, [o que] tornava o labor, fosse qual fosse a atividade, aceitável e/ou suportável, como aferido por Hebdige (2004), justamente por ‘darem um sentido’ a este.” (Gruda & Gamba, 2014, p. 93). Assim, se o dândi criticava a ordem burguesa pelo cultivo do ócio ao se julgar superior, sendo a atividade laboral algo designado àqueles que eram considerados inferiores, e o flâneur pela capacidade de andar a esmo pelas ruas, sem que isso estivesse atrelado à produção de riqueza, produtos ou à oferta de serviços, o mod reduzia a importância do trabalho a mera consequência necessária para o cultivo da obsessão pelo estilo e da frenética rotina de diversão.

Considerações finais

Ao compreendermos a cidade como um fator preponderante para nos relacionarmos e constituirmos, o surgimento das grandes metrópoles durante a modernidade no século XIX e as novas formas de experienciar a vida decorrente disso produziram novos modos de subjetivação, os quais perduram até a atualidade, entretanto contando com eventuais atualizações e modificações. A partir de outro fenômeno também eminentemente urbano, a constituição da ideia de juventude que foi posteriormente expressa por meio da formação das subculturas juvenis, é possível visualizarmos aquelas apropriações e alterações de alguns aspectos dos modos de subjetivação modernos e citadinos de outrora. Focalizamos os mods ingleses, do período compreendido entre o final da década de 1950 até meados da década de 1960, por sua relevância enquanto subcultura juvenil – as ideias de que a moda e a música são símbolos poderosos para a constituição identitária grupal é originária dos mods – e por compreendermos que estes foram capazes de encarnar à maneira deles as figuras do dândi e do flâneur.

Valendo uma última ressalva. Ao tratarmos de qualquer subcultura, acabamos por encarar e enfatizar as homogeneidades existentes, tratando das generalidades e excluindo temporariamente as tantas particularidades e dissidências internas aos membros destes grupos. Assim, registramos que todas as considerações tecidas acerca dos mods (“são assim”, “fazem isto ou aquilo”) devem ser entendidas a partir deste recorte generalizante, além de indicar que outras leituras e apontamentos são plenamente possíveis.

Referências

Anderson, P. (2014). *Mods, the new religion: the style and music of the 1960s mods*. London: Omnibus Press.

- Baudelaire, C. (1863/2009). O Dândi. In Balzac, H., Baudelaire, C. & D'Aureville, B. *Manual do dândi: a vida com estilo*. (pp 11-20). Belo Horizonte: Autêntica.
- BBC. (2008). British Style Genius – Loud and Proud: the street look. Dir: Stevie Condie.
- Beensley, T. (2014). *Sawdust Caesar: original mod voices*. Sheffield, Inglaterra: Days Like Tomorrow Books.
- Beensley, T. (2017). *Mojo talkin' – under the influence of Mod*. Sheffield, Inglaterra: Days Like Tomorrow Books.
- Benjamin, W. (1989). *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense.
- Benjamin, W. (1991). *Textos de Walter Benjamin*. São Paulo: Ática.
- Bolle, W. (2015, 9 de agosto). A Paris de David Harvey e a de Walter Benjamin. *Folha de São Paulo*. Ilustríssima,. Não paginado.
- Boyle, L. (2011, 17 de junho). Beau Brummell and the Birth of Regency fashion: Was Beau Brummell a Dandy? *Jane Austen Centre*. Recuperado em 17 de agosto, 2015, de <http://www.janeausten.co.uk/beau-brummell-and-the-birth-of-regency-fashion/>
- Bushell, G. (2012). *Time for Action: the mod revival 1978-1981*. London: Countdown Books.
- Casburn, M. (2004) *A Concise History of the British Mod Movement*. San Francisco: The Greater Bay Area Costumers Guild. Recuperado em 06 de junho, 2015, de <http://www.gbacg.org/costume-resources/original/articles/mods.pdf>
- Castro, F. C. G. (2010). *Dandismo e cuidado de si: ensaios de subjetivação em Balzac*. Tese de Doutorado, Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, Universidade de Brasília, Brasília.
- Carmona, A. (2017). *Nós somos os Mods: um fenômeno tipicamente britânico na cena underground paulistana*. São Paulo: Independente.
- Cohen, S. (2011). *Folk devils and moral panics: the creation of mods and rockers*. London: Routledge Classics.
- D'Angelo, M. (2006). A modernidade pelo olhar de Walter Benjamin. *Estudos Avançados*, 20(56), 237-251.
- Dhoest, A., Malliet, S., Segaert, B. & Haers, J. (Orgs.). (2015). *The borders of subculture: resistance and the mainstream*. New York: Routledge.
- Dunker, C. I. L. (2015). *Mal estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil*. São Paulo: Boitempo.
- Engels, F. (1845/2008). As grandes cidades. In Engles, F. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (pp. 67-116). São Paulo: Boitempo.
- Gruda, M. & Gamba, J. (2014). Identidade, relações grupais e conflitos geracionais no filme *Quadrophenia*: can you see the real me? *Sessões do Imaginário*, 19(31), p. 85-95.
- Hall, S. (2015). *A Identidade cultural na pós-modernidade*. (12a ed). Rio de Janeiro: Lamparina.
- Harvey, D. (2014b). *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. (25a ed). São Paulo: Loyola
- Harvey, D. (2015). *Paris, capital da modernidade*. São Paulo: Boitempo.
- Hebdige, D. (2002). *Subculture: the meaning of style*. London: Routledge.
- Hewitt, P. (Org.). (2010). *The sharper word: a Mod anthology*. London: Helter Skelter.
- Jesse, W. (1844). *The life of George Brummell commonly called Beau Brummell*. (Vol I). London: Saunders & Otley.
- Laing, D. (1969). *The sound of our time*. London: Sheed & Ward.
- Montero, P. (2008) Passagens na metrópole paulistana do século XXI. *Novos Estudos - CEBRAP*, 82, 191-199.
- Oliveira, M. (2014). O herói e a modernidade em as multidões, de Charles Baudelaire. *Revista Entrelaces*, 1(4), 110-125.
- Ortiz, R. (2000). Walter Benjamin e Paris – individualidade e trabalho intelectual. *Tempo Social, Rev. Sociol. USP*, 12(1), 11-28.
- Perone, J. (2009). *Mods, rockers, and the music of the British invasion*. Westport Santa Barbara, Estados Unidos: Praeger.
- Rodgers, N. (2012). *The Dandy: Peacock or Enigma?* London: Bene Factum Publishing.
- Sennett, R. (2003). *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. (3a ed). Rio de Janeiro: Record.
- Simmel, G. (1902/1973). A metrópole e a vida mental . In Velho, O. (Org.), *Fenômeno urbano* (pp. 11-25). Rio de Janeiro: Zahar.
- Simonelli, D. (2013). *Working class heroes: rock music and British society in the 1960s and 1970s*. Plymouth Inglaterra: Lexington Books.
- United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division (2014). *World Urbanization Prospects: The 2014 Revision [CD-ROM]* . Recuperado em 14 de agosto, 2015, de <http://esa.un.org/unpd/wup/CD-ROM/>
- Weight, R. (2013). *MOD: From Bebop to Britpop, Britain's Biggest Youth Movement*. London: Bodley Head.

Recebido em 08/11/2016

Aceito em 15/09/2017

Mateus Pranzetti Paul Gruda: Graduado em psicologia, pela Faculdade de Ciências e Letras de Assis/Unesp (2008), mestre (bolsista Capes) (2011) e doutor (bolsista Fapesp) [2015] em psicologia pelo Programa de Pós-graduação da mesma universidade, com período sanduíche (bolsa Capes) no "Centre for Comedy Studies Research" (CCSR) da Brunel University London/Reino Unido. Tem experiência na área de psicologia, com ênfase em psicologia social e com interesse, principalmente, nos seguintes temas: humor politicamente incorreto, cômico, discurso humorístico em geral, mídia e comunicação, o desenho animado South Park e subculturas juvenis dos anos 1960. <http://orcid.org/0000-0001-5251-2874>